

# AS CHARGES NAS RUAS: A PRIMAVERA ÁRABE NOS TRAÇOS DE CARLOS LATUFF E ALI FERZET

MARCIA JULIANA SANTOS\*

---

## RESUMO

Charges, desenhos, cartazes, postagens nas redes sociais, ferramentas que representaram e ao mesmo tempo foram portadoras dos movimentos populares que estão ocorrendo no mundo árabe desde 2011. O objetivo deste texto é entender o diálogo político que se estabeleceu entre manifestantes e chargistas no contexto da Primavera Árabe. Não se trata de decompor ou analisar um conjunto de charges sobre as revoltas, mas entender de que modo se estabeleceu o diálogo entre as manifestações e as charges produzidas pelo brasileiro Carlos Latuff e o sírio Ali Ferzet. Em meio às manifestações do Egito e da Síria, respectivamente, discutiremos a importância dos dois artistas que foram receptores de ideias, propagaram as causas políticas e mobilizaram pessoas, utilizando seus desenhos. Essa reflexão está amparada nas análises de Slavoj Žižek e Manuel Castells, pensadores contemporâneos que têm contribuído para o entendimento dos propulsores sociais, políticos e culturais que motivaram as revoltas e os conflitos, ainda em curso, em alguns países do mundo árabe.

**PALAVRAS-CHAVE:** charge; Primavera Árabe; redes sociais; Carlos Latuff; Ali Ferzet.

## ABSTRACT

Cartoons , drawings, posters , social networks postings, tools that accounted for at the same time which were carriers of the popular movements that are taking place in the Arab world since 2011. The aim of this paper is to understand the political dialogue established between protesters and cartoonists in the context of the Arab Spring. This is not only a decompose or analyze process of a set of cartoons about the riots, but understanding how the dialogue has been established between the popular movements and the cartoons produced by Brazilian Carlos Latuff and the Syrian Ali Ferzet. Amid the protests of Egypt and Syria, respectively, we will discuss the importance of the two artists who were recipients of ideas, spreaders of political causes and mobilized people using their drawings. This reflection is supported by the analysis of Slavoj Žižek and Manuel Castells, contemporary thinkers who have contributed to the understanding of the social , political and cultural drivers that led to the still ongoing revolts and conflicts in some countries of the Arab world.

**KEYWORDS:** cartoons; Arab Spring; social networks; Carlos Latuff; Ali Ferzet.

---

Sapatos erguidos ou jogados em direção a alguém é um desagravo, uma ofensa no mundo árabe-islâmico. Essa prática tornou-se conhecida no ocidente, em 2008, quando o jornalista iraquiano Muntadhar al-Zaidii jogou os seus pares de sapatos contra o ex-presidente George W. Bush que visitava Bagdá, capital do Iraque, na ocasião em que o país ainda estava sob a ocupação norte-americana.

O gesto de erguer sapatos seria repetido inúmeras vezes entre 2011 e 2012 por manifestantes da Tunísia, Egito e Líbia nos protestos de rua, ocupações de praças e conflitos armados que culminaram com a queda dos ditadores desses países. Convidado pelos organizadores de um protesto no Egito, que ocorreria no dia 25 de janeiro de 2011, o chargista brasileiro Carlos Latuff<sup>1</sup> traduziu por meio de alguns desenhos algumas das convocatórias do evento.

A partir daquela data, foi na Praça Tahir – o lugar das maiores manifestações na cidade do Cairo – que incidiram os dias mais agitados daquele início de ano. O lugar abrigou homens, mulheres e crianças; jovens e idosos; seculares e religiosos; muçulmanos e cristãos coptas. Uma multidão foi se aglomerando conclamada, em parte, pelas redes sociais para exigir a queda de um regime de exceção e reconhecido pelas práticas de corrupção. Quando ainda era um pequeno grupo, a manifestação foi barbaramente reprimida pelo exército do então presidente Hosni Mubarak. A violência motivou a resistência. Em solidariedade e indignação, o pequeno grupo foi se multiplicando e em poucos dias ocupava Tahir, um dos símbolos da Primavera Árabe.

Além da ocupação física do espaço público que em si é simbólica – durante um processo revolucionário –, câmeras, celulares, gestos, bandeiras do Egito, cantos e orações tomaram conta daquele lugar. Sapatos ao ar? Sim! Eles estavam erguidos em desagravo ao ditador. E, quando não eram os sapatos, eram os cartazes que reproduziam frases, palavras de ordem em árabe e inglês, fotos de vítimas da violência

policial e charges como a do brasileiro Latuff utilizadas para traduzir aquele movimento.

Neste texto, buscaremos debater de que maneira as charges produzidas por Carlos Latuff e Ali Farzat, no contexto da Primavera Árabe serviram de objeto de análise para os estudos da recepção. Acessíveis, risíveis e fáceis de traduzir, essas e outras representações atravessaram as páginas dos jornais, chegaram às mídias livres e têm contribuído para sintetizar inquietações e municiar manifestantes, com crítica e humor, de um discurso revolucionário como aquele traduzido meses a fio em ruas e praças de diversos países do Norte da África e parte do Oriente Médio.



Charge 1<sup>2</sup>

Esta é uma das charges de Latuff. A data 25 de janeiro escrita dentro do sapato que seguia em direção ao rosto de Mubarak foi singular para as mobilizações. Naquele dia, eclodiram manifestações de rua, concentrações populares e greves de trabalhadores. Cairo, Alexandria, Suez. As grandes cidades egípcias pararam para protestar contra a violência da polícia e do exército, contra as leis de exceção que

permitiam, entre outras coisas, as prisões arbitrárias de opositores ao regime. Era uma batalha popular contra os efeitos da crise econômica que tinha atingido o Egito em cheio.

Mas os protestos sofriam críticas. A princípio, foram considerados ilegítimos por se tratarem de sublevações da classe média esclarecida. Ao analisar o fenômeno das manifestações egípcias, o filósofo Slavov Zizek destaca que inicialmente os protestos eram liderados por jovens instruídos, pertencentes à burguesia assalariada, mas suas reivindicações denunciavam o desemprego, a pobreza e a falta de instituições democráticas. Em pouco tempo, esta pauta chegou aos camponeses e trabalhadores pobres pertencentes aos setores mais excluídos do país, foi isso que os levou às ruas.<sup>3</sup>

Alguns dias se passaram após o célebre 25 de janeiro. A heterogeneidade da massa egípcia simbolizava não só o desejo de mudanças. Via-se, nas redes sociais, na troca de e-mails e nos cartazes, a continuidade e o fortalecimento de instrumentos que serviram para mobilizar, denunciar e articular protestos. Cartazes empunhados com as charges de Latuff representavam e traduziam as inquietações e o “tom” de revolta daquela massa, que mostrava para o mundo que o movimento

havia repercutido em lugares longínquos – como o Brasil –, sensibilizando ativistas e pessoas que estavam de olho na nova estação que se iniciava no mundo árabe.



Foto 4

Os jornais e *sites* reproduziam os desenhos que acabavam por ilustrar aqueles momentos de mudança e esperança que simbolicamente são iniciados pela primavera. Em geral, o leitor da charge precisa estar ciente acerca do tema retratado naquela representação, a fim de se apropriar do conteúdo e da crítica ali expressas. O que Latuff fez ao representar Mubarak recebendo sapatadas foi aliar um aspecto da cultura árabe-islâmica, para focalizar e sintetizar o contexto social e político em curso no Egito.

A articulação política das redes sociais via internet são de difícil controle. Talvez, justifica-se a facilidade pela qual os protestos foram organizados. É diferente de quando as ditaduras controlavam a imprensa escrita e televisiva e quando as possibilidades de organização ficavam limitadas. De certo modo é o que se vê na Síria e em outros regimes ditatoriais até hoje.

Em entrevista ao site Opera Mundi, diz que foi contatado por manifestantes no Egito durante os protestos. Durante a entrevista, questionado sobre o alcance e a influência do “ativismo artístico”, ele responde:

A charge consegue expressar, com pouca ou nenhuma palavra, um sentimento. No caso dos manifestantes, uma revolta que estava atravessada na garganta do povo. A charge condensa todo um discurso, toda uma situação, como se diz em inglês, *in a nut shell*. Quando a charge é impressa por manifestantes e exibida nas ruas, ela assume o mesmo papel de um coquetel molotov, de uma bandeira ou faixa. Ela se torna um instrumento. Ciente desse papel da charge, os artistas deveriam se colocar a serviço das causas sociais, oferecendo seu traço aos que o utilizarão como uma ferramenta.<sup>5</sup>

Ao convidar o chargista – para desenhar - as lideranças dos protestos tinham a intencionalidade de estabelecer um diálogo com um reconhecido ativista internacional. É possível que estes manifestantes tivessem uma ínfima desconfiança do quão importante seria a utilização daqueles desenhos para aquele contexto. Ou, talvez mais simples que

isso: as lideranças pretendiam dispor dos desenhos, como mais um instrumento imagético, uma nova estratégia, rápida e eficaz, capaz de chamar, atrair e mobilizar multidões.

Elementos diretos, humor, legendas, símbolos, personagens bem definidos ganham traços e chegam ao público com a finalidade de criticar e zombar de uma situação em andamento. A incorporação das charges aos protestos traduz um posicionamento cosmopolita dos jovens egípcios. O uso da internet e das mídias tradicionais visava o alcance e a eficácia para alcançar a agilidade da informação.

A rapidez em circulavam as imagens, o aumento do número de acessos às redes sociais, a troca de informação, a publicação de fotos dos protestos e análises de conjuntura, entre outros elementos certamente não passaram despercebidos pelos governos que eram alvos da investida popular. O pesquisador Branco Di Fátima evidencia a vigilância e o controle da informação, exercidos durante os conflitos em 2011. Ele traz números de relatórios de ONG's que atuam com tecnologia da informação, para destacar a censura e o bloqueio que muitos sites árabes sofreram, neste período, nos países atingidos pela crise.<sup>6</sup>

No caso das charges era mais fácil burlar a censura. Elas não dependiam necessariamente do jornal ou outro meio para chegar até o público alvo. Um simples compartilhamento via celular, já seria possível atingir o objetivo. Quando não era possível acessar a internet, por causa das restrições, elas estavam ali, reproduzidas nos cartazes. É claro que charges e caricaturas naquele contexto adquiriam força quando atreladas a outras ferramentas de mobilização. Twitter e Facebook eram usados para marcar protestos e trocar informações. Os celulares foram amplamente utilizados para capturar imagens dos protestos, das agressões e da ação dos militares. Logo, os vídeos eram postados em sites estrangeiros, sobretudo no Youtube. A TV, o mais tradicional dos meios imagéticos, ainda desempenhou um papel fundamental na

cobertura desses eventos. Emissoras como Al-Jazeera e Al-Arabiya, sediadas no Catar e na Arábia Saudita, respectivamente, durante semanas mostravam ao vivo, e do ponto de vista árabe, para o Oriente Médio e o Norte da África o movimento efervescente que havia tomado conta do Egito.<sup>7</sup>

O acúmulo de gente na praça e a força das passeatas nas ruas, capturadas pelas emissoras de televisão do mundo inteiro e traduzidas nas charges de Latuff, mostravam cotidianamente que aquela multidão não estava disposta a negociar com o Estado, ela “exigia que Mubarak saísse, deixasse seu posto, abandonasse o país e abrisse espaço para a liberdade no Egito, uma liberdade da qual ninguém é excluído.”<sup>8</sup> Logo, tanto o governo egípcio quanto seus aliados, a exemplo do governo norte-americano e países europeus, perceberam que a renúncia de fato seria inevitável. Ao vivo, pela TV ou pela internet, o mundo acompanhou a saída do ex-ditador em 11 de fevereiro daquele ano.

Ainda naquele ano, Eric Hobsbawm comparou as insurreições dos povos árabes à chamada primavera dos povos de 1848 e 1850. No livro a Era das Revoluções, Hobsbawm já havia evidenciado os aspectos revolucionários daqueles anos, “em que o hiato entre os ricos e os pobres cresciam de maneira bastante clara.”<sup>9</sup> No atual contexto das revoltas que abalaram algumas ditaduras do mundo árabe, ele traça um paralelo com o ano de 1848 e 2011, em que identifica o mesmo impulso de uma “revolução que foi tida como auto-impulsionada” e iniciada em um país, a França de 1848 e hoje a Tunísia de 2011.

Em meio aos avanços que sucederam a queda de Mubarak, houve ainda alguns incidentes e enfrentamentos – entre a polícia e manifestantes – até a realização de eleições diretas em 2011. Mas, em menos de dois anos, em meados de 2013, o presidente eleito Mohammed Morsi, da Irmandade Muçulmana, foi deposto do cargo pressionado pelos militares e por uma nova onda de protestos da oposição.

O historiador que nasceu em Alexandria, no Egito, não estava mais vivo para acompanhar os últimos desdobramentos das revoltas. No entanto, na ocasião que concedeu esta entrevista percebeu alguns rumos do movimento, comparando-o ainda as revoltas ocorridas na Europa em meados do XIX:

Dois anos depois de 1848, pareceu que alguma coisa havia falhado. No longo prazo, não falhou. Foi feito um número considerável de avanços progressistas. Por isso, foi um fracasso momentâneo, mas sucesso parcial de longo prazo - mas não mais em forma de revolução.

O historiador que viu o surgimento do cinema, do rádio e da televisão, provavelmente espantou-se com a revolução causada pela internet, mas não deixou de evidenciar o papel desempenhado pela tecnologia, “que hoje em dia torna muito mais fácil organizar protestos.”<sup>10</sup>

A elaboração, articulação e transmissão da informação sofrem profundas alterações proporcionadas por uma revolução tecnológica centrada na tecnologia. Esta constatação já havia sido difundida por Manuel Castells na passagem do XX para o XXI. Durante “o ano que sonhamos perigosamente”, para retomar Zizek, viu-se no mundo árabe a convergência de linguagens em nome de uma causa revolucionária. Castells enunciava no *fin de siècle* a necessidade de “localizar este processo de transformação tecnológica revolucionária no contexto social em que ele ocorre e pelo qual está sendo moldado.”<sup>11</sup> Essas linguagens foram apropriadas durante os protestos como um “conjunto de nós interconectados”, ainda para usar a metáfora do sociólogo espanhol.<sup>12</sup>

As imagens veiculadas pela internet fortaleceram os protestos e o diálogo entre a massa manifestante e os artistas que expressaram aquele movimento demonstra a possibilidade da democratização e do alcance da compreensão dessas imagens. “A mensagem acabou por devorar o real.”<sup>13</sup> Apropriando-se desta máxima de Jesus Martin-Barbero, a

veiculação da charge nas mídias livres, nos jornais e a sua ampliação em cartazes possibilita um estreitamento simbólico entre as linguagens e o fato representado. Ela o traduz e auxilia na produção e divulgação daquilo que ele pretende expressar.

Antes, era necessário e fundamental acompanhar as discussões políticas para compreender a sutileza, a crítica ou a ironia de determinados gêneros como charge, cartum ou caricatura. Encalacrada no espaço do jornal o acesso a leitura e ao contexto ao qual reportava ficava restrito ao leitor do veículo de comunicação. E a leitura era comprometida se o leitor não dispusesse de repertório para interpretar elementos traduzidos no humor e personificados em traços, cores e formas.

O chargista ultrapassou os meios de comunicação, em geral os jornais, onde tradicionalmente as charges são publicadas e interferiu no campo das experiências dos receptores – as manifestações de rua e as mobilizações na praça Tahir –, configurando assim novas estratégias de recepção. Esta premissa é construída com base mais uma vez na proposta de Martin-Barbero quando este pretende situar “os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, (os meios).”<sup>14</sup>

### **As charges sangrentas na Síria de Bashar al-Assad**

Imerso em uma guerra civil desde 2011, a Síria vem sendo alvo dos protestos que varreram parte das ditaduras do Oriente Médio. Desde então, rebeldes armados enfrentam o exército, forçando a queda do ditador Bashar al-Assad. Para representar a situação de seu país, o cartunista Ali Ferzet publicou inúmeras charges, em meados de 2011. Mas uma delas causou a fúria de Assad. A charge que mostra o

governante sírio pedindo carona ao então ditador da Líbia Muamar Kadafi,<sup>15</sup> que estava prestes a ser derrubado do governo.<sup>16</sup>



Charge 2 <sup>17</sup>

A charge reproduz diferentes elementos que amparam a comunicação de opiniões, assinalando para uma atitude crítica em relação ao governo sírio. As críticas de Ferzesh custaram-lhe alguns dias no hospital em agosto daquele ano. Atacado por homens encapuzados, que o espancaram e quebraram as suas mãos, Ferzesh recebeu um aviso para deixar de desenhar críticas ao governo Assad. Fotos do cartunista, deitado em uma cama de hospital circularam o mundo para demonstrar a truculência e a forte repressão do governo a opositoristas.<sup>18</sup>

Desde a agressão, o chargista não está mais na Síria. Em seu site, ele continua, por meio de seus desenhos, denunciando<sup>19</sup> a continuada violência política que tem levado a milhares de mortos e feridos, além de constrangimento de liberdades elementares, como a de ir e vir. No mesmo ano, ele recebeu o prêmio Sajarov, concedido pelo *Parlamento Europeu, Repórteres sem Fronteiras*, em associação com o *Le Monde* e o canal francês de televisão *TV5 Monde*.

Assim como no Egito, manifestantes sírios carregavam cartazes e faixas apresentando charges de Ali que continham conteúdo crítico contra o regime. O fato também motivou a produção de charges que denunciavam as agressões sofridas pelo chargista. Em um gesto de solidariedade, Latuff estava novamente traçando mais um instrumento de crítica contra os regimes autoritários contra os quais o povo e os artistas ousavam se levantar.



Charge 3<sup>20</sup>

Alguns anos antes, em 2005, charges foram motivos de protestos no mundo islâmico. O artista dinamarquês Flemming Rose publicou no jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* charges ridicularizando o profeta Maomé. Irritados, líderes religiosos reagiram e consideraram ofensiva a publicação e divulgação dos desenhos. A resposta foi violenta. A embaixada dinamarquesa no Líbano foi atacada por manifestantes radicais de orientação sunita. Hoje, nas manifestações do mundo árabe, as charges não têm mais o apelo religioso e são saudadas por seu conteúdo contestador e por sua ampla divulgação e reprodução.

O estudo clássico de Michael Bakhtin sobre as formas dos ritos e espetáculos cômicos da Idade Média e no Renascimento auxilia na compreensão da formação da cultura cômica e da importância do riso no universo político, ontem e hoje. Ao descrever o papel de bobos e bufões – presença obrigatória nas cortes, nas festas e nos eventos do período – o linguista russo explica que eram eles que ajudavam nas “funções do cerimonial sério, parodiando seus atos(...) nenhuma festa se realizava sem a intervenção dos elementos de uma organização cômica.”<sup>21</sup>

Comparando os chargistas da contemporaneidade aos bobos e bufões do medievo ocidental, é plausível identificar uma rápida semelhança, quando ambos se propõem a revelar elementos do universo político. Diferente dos atores ao chargista não é permitido adentrar palácios reais, e em uma ditadura não é possível criticar políticos ou fazer risível o discurso oficial. E, quem o faz é duramente reprimido como ocorreu com Ali Ferzet que ousou, mesmo estando fora do palácio dos Al-Assad.

Bashar al-Assad deu continuidade ao legado da ditadura iniciada há mais de quarenta anos por Hafez al-Assad, seu pai. Temendo o avanço da oposição e dos desdobramentos que culminaram com a queda dos ditadores da Tunísia, Egito e Líbia, o líder sírio tem comandado, até este momento, o exército do país para conter o avanço das manifestações que exigem democracia. Em meio ao eco dos movimentos desses países, a oposição ao regime conta com a participação de uma milícia armada formada por rebeldes – seculares e islâmicos - e ex-militares, antes fiéis ao governo. Mas é bom lembrar que parte da sociedade civil, apesar de crítica a forte repressão apoia a continuidade de Assad no poder, o que só comprova a complexidade da sociedade.

Mais de dois anos se passaram. Sanções foram aprovadas, observadores internacionais foram deslocados para avaliar a situação humanitária do país. Assad continua sendo acusado de atirar e atentar

contra a vida de seu próprio povo. Por enquanto, além das trincheiras da resistência, outras armas, como os desenhos de Ali Ferzat, são empunhados para denunciar a barbárie na qual o país está imerso.

Mais uma vez retomando Castells, preocupado em entender a “dinâmica e as perspectivas de transformação social” dos movimentos que atingiram o mundo árabe, a Europa e os Estados Unidos, procuramos lançar algumas reflexões sobre a relação entre o trabalho dos chargistas, o conteúdo das charges e os movimentos de protesto, particularmente no Egito e na Síria, que, “acoplados em rede, transmitidos pelas mídias, alastraram-se pelo mundo árabe.” Os dois países vivenciam até hoje destinos diversos e, como bem sintetizou Castells, são realidades que incluem “vitórias, concessões, massacres repetidos e guerras civis.”<sup>22</sup> O último caso certamente se aplica à Síria que, até meados de julho de 2013, viu dissipar a vida de quase 100 mil pessoas, além do desastre humanitário representado pelas centenas de milhares de refugiados da mais cruel guerra civil da história do país. Lá, bombas, morteiros, confrontos armados, charges, cartazes e sapatos continuam sendo usados como armas na tentativa da derrubada da ditadura Al-Assad.

## NOTAS

---

\* Pós-doutoranda do Departamento de História da FFLCH. E-mail: julianahis@bol.com.br.

<sup>1</sup> O chargista Carlos Latuff, brasileiro de origem libanesa, nasceu no Rio de Janeiro. É um ativista da causa palestina e reconhecidamente anti-americano. Suas charges são publicadas no site Opera Mundi. Recentemente, o artista chamou a atenção da mídia por ter sido escolhido por uma ONG judaica como um propagador do anti-semitismo. Latuff rebateu as acusações, mas reafirmou a sua militância em defesa do povo palestino.

<sup>2</sup>[http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/esp\\_160/obra+do+cartunista+brasileiro+carlos+latuff+repercute+nos+protestos+no+mundo+arabe.shtml](http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/esp_160/obra+do+cartunista+brasileiro+carlos+latuff+repercute+nos+protestos+no+mundo+arabe.shtml). Acesso em 15 de julho de 2013.

---

<sup>3</sup> ZIZEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. Trad. Rogério Bettoni. 1ª edição. São Paulo. Boitempo, 2012, p. 22.

<sup>4</sup> <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI206634-15227,00.html>. Acesso em 17 de julho de 2013.

<sup>5</sup> [http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/esp\\_160/obra+do+cartunista+brasileiro+carlos+latuff+repercute+nos+protestos+no+mundo+arabe.shtml](http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/esp_160/obra+do+cartunista+brasileiro+carlos+latuff+repercute+nos+protestos+no+mundo+arabe.shtml). Acesso em 10 de julho de 2013.

<sup>6</sup> <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fatima-branco-primavera-arabe-vigilancia-e-controle.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2013.

<sup>7</sup> Sobre o papel desempenhado pelos dois canais televisivos conferir o artigo: “Al-Jazeera: O cenário da mídia árabe ameaçado pelo dinheiro”. <http://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1176>. Acesso em 16 de julho de 2013.

<sup>8</sup> ZIZEK. *Op. cit.*, p. 75.

<sup>9</sup> HOBBSBAWN, Eric. *A era das revoluções*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira; Marcos Penchel. 22ª edição. São Paulo. Paz e Terra, 2007, p. 287.

<sup>10</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111223\\_hobbsbawm\\_2011\\_classe\\_media\\_bg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111223_hobbsbawm_2011_classe_media_bg.shtml). Acesso em 15 de julho de 2013.

<sup>11</sup> CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 1. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo. Paz e Terra, 1999, p. 24.

<sup>12</sup> CASTELLS. *Op. cit.*, p. 498.

<sup>13</sup> MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito; Sérgio Alcides. 5ª edição. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 2008, p. 94.

<sup>14</sup> MARTÍN-BARBERO. *Op. cit.*, p. 203.

<sup>15</sup> O professor Roberto Candelori que trabalha com a disciplina de Atualidades em um Colégio da rede particular de São Paulo, na ocasião em que abordava a guerra civil na Líbia, foi interpelado pela pergunta inusitada de uma aluna: “- professor, o Kadafi é do bem ou do mal?” Esta pergunta foi seguida por uma longa explicação acerca dos princípios éticos e as diferentes noções de democracia para os povos. Este relato de prática docente pode ser conferido no texto: CANDELORI, Roberto; SANTOS, Márcia Juliana. O desafio de educar no século XXI. Contribuições da disciplina de Ética e Cidadania. *In: Revista Móbile*. Ano 9, n. 9, dezembro de 2011. São Paulo.

<sup>16</sup> Entre janeiro e outubro de 2011, o governo líbio de Muamar Kadafi esteve sob o alvo dos opositoristas. Em março, a OTAN aprova uma intervenção militar no país e, após meses de ataques aéreos e terrestres, a força de coalização liderada pela França auxiliou os rebeldes no processo que culminou com a fuga e morte de Kadafi em outubro.

<sup>17</sup> <http://www.ali-ferzat.com/>. Acesso em 17 de julho de 2013.

<sup>18</sup> <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-17491184>. Acesso em 15 de julho de 2013.

<sup>19</sup> <http://www.ali-ferzat.com/>. Acesso em 15 de julho de 2013.

<sup>20</sup> <http://ziomania.com/latuff/carlos-latuff-cartoons-2011-part9.html>. Acesso em 17 de julho de 2013.

---

<sup>21</sup> BAKHTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo, São Paulo. Hucitec, 1997, p. 3.

<sup>22</sup> CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiro. Rio de Janeiro. Zahar, 2013, p. 11 (no prelo).

Data de envio: 16/02/2013

Data de aceite: 25/02/2013